

Avaliação escolar em tempos de pandemia: possibilidades e incontingências

Natália Luczkiewicz da Silva¹

Inalda Maria Duarte de Freitas²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo verificar de que forma os professores de Língua Portuguesa realizaram o processo avaliativo dos seus alunos, no contexto das aulas remotas, ocasionadas em decorrência da pandemia da Covid-19. A pesquisa é de cunho qualitativo, cujo principal instrumento de coleta de dados foi o questionário elaborado pelas pesquisadoras. O *corpus* da pesquisa é composto pela resposta de um questionário composto por treze perguntas que se dividem em objetivas e subjetivas, direcionadas à três professoras, de Língua Portuguesa, que atuam na rede pública de ensino básico, na cidade de Bom Conselho – Pernambuco. Os aportes teóricos utilizados foram Bortoni-Ricardo (2008), Sant’anna (2014), Sordi e Ludke (2009), Luckesi (2005), entre outros. A partir da análise dos dados, observamos que as três professoras que participaram da pesquisa mostraram-se preocupadas em como avaliar os seus alunos de modo que não os prejudicassem. Observamos, pois, que mesmo diante de todos os desafios enfrentados pelas professoras e pelos alunos, as docentes mostraram-se satisfeitas em relação à forma de atuação e ao aproveitamento estudantil, conscientes de que a avaliação se dá através de um processo contínuo, não apenas como forma de medir o conhecimento de outrem.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Prática docente. Aulas remotas.

¹ Mestranda em Linguística (UFAL);
e-mail: natalia2luczkiewicz@gmail.com

² professora titular da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

1. INTRODUÇÃO

A avaliação é considerada o meio mais importante para que a escola acompanhe o desenvolvimento de cada estudante, dos professores e do seu sistema. A avaliação é um tema de suma importância para os processos de ensino e de aprendizagem, no ambiente escolar, uma vez que, através dela, o professor e demais agentes educacionais poderão acompanhar o desenvolvimento dos seus alunos. Mas, avaliar não é uma tarefa fácil! O professor precisa conhecer a realidade do seu público para que possa escolher a melhor forma de averiguar o desenvolvimento da aprendizagem.

Quando avaliamos nossos alunos, de forma coerente, colhemos belos frutos da árvore da aprendizagem; entretanto, quando não atribuímos a real atenção que esse processo necessita, submetemo-los a momentos de angústia, medo, sentimentos de incapacidade, além de não conseguirmos verificar o que o aluno realmente conhece.

Avaliar apenas com o objetivo de classificar ou aderir nota, não mede o conhecimento real do aluno, esse ato deve estar estritamente ligado aos processos de ensino e aprendizagem, localizando-se bem no centro, entre um e outro. Quando a avaliação é tomada como uma prática de atribuição de valor ao trabalho do outro, quando os seus conhecimentos são medidos por meio de um instrumento excludente, que se preocupa apenas com números e não com qualidade, ela vai perdendo o foco de sua natureza, uma natureza que a princípio é multifacetada.

Diante dessas considerações, a pergunta norteadora dessa pesquisa é: como os professores de Língua Portuguesa, de uma escola pública, da cidade de Bom Conselho – Pernambuco, avaliaram os estudantes no contexto das aulas remotas, em decorrência da pandemia da Covid-19? Esse problema é elencado por considerarmos a importância de um trabalho que almeje à inclusão dos estudantes, tendo em vista que muitos processos avaliativos, comumente utilizados pelos professores, em aulas presenciais, não são possíveis na esfera digital.

Para responder o problema elencado nesta pesquisa, nosso principal objetivo é verificar como os professores de Língua Portuguesa estão realizando o processo avaliativo dos seus alunos durante a pandemia da Covid-19. Diante disso, pretendemos atingir alguns objetivos específicos, tais como: compreender as concepções de avaliação adotadas pelos professores; identificar as dificuldades enfrentadas no processo avaliativo; e observar se os professores consideram os resultados das avaliações

realizadas por eles condizentes com a real situação de ensino e aprendizagem da disciplina que ministram.

Nesse sentido, tomamos como base que muitos alunos não conseguem acessar os materiais de estudo e acompanhar todas as aulas; e muitos professores não conseguem manter um bom desempenho a partir dessas plataformas midiáticas. Diante disso, podemos refletir se realmente essas avaliações, que são necessárias, estão ou não caminhando em direção à reflexão dos resultados alcançados, tanto em relação aos conhecimentos dos alunos quanto ao desenvolvimento profissional dos professores.

A metodologia deste artigo partiu de uma pesquisa bibliográfica, a fim de nos aprofundarmos, teoricamente, sobre a avaliação educacional em contexto de pandemia. De acordo com Gil (2008, p. 61), “as fontes bibliográficas mais conhecidas são obras de referência, teses e dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos, periódicos de indexação e resumo”. Esse tipo de pesquisa aproxima o pesquisador aos textos já escritos sobre o problema em questão. Em seguida, partimos para um estudo de campo, assim, o principal instrumento de coleta de dados foi um questionário elaborado pelas pesquisadoras.

O *corpus* da pesquisa é composto pela resposta de um questionário que consta de treze perguntas, sendo elas objetivas e subjetivas, que foram direcionadas à três professoras de Língua Portuguesa que atuam na rede pública de ensino básico e ensino médio, na cidade de Bom Conselho – Pernambuco³. Os dados serão analisados de forma qualitativa, priorizando a interpretação e a reflexão dos resultados. Os aportes teóricos utilizados foram Bortoni-Ricardo (2008), Sant’Anna (2014), Sordi e Ludke (2009), Luckesi (2005), entre outros.

Este artigo está estruturado em três seções. Na primeira, discorremos sobre o papel da autoavaliação na formação de um professor pesquisador, que reflete sobre as suas decisões no ambiente escolar; na segunda seção, abordamos algumas considerações sobre as concepções de avaliação adotadas pelo profissional docente; e na terceira, apresentamos a metodologia e os resultados da pesquisa; pra finalizar, demonstramos algumas considerações sobre a pesquisa.

2. O PAPEL DA AUTOAVALIAÇÃO NA FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR PESQUISADOR

³ A identidade dos colaboradores será preservada.

A autoavaliação é um tipo de avaliação que possibilita ao professor analisar a sua prática docente, evidenciando as experiências exitosas e as fragilidades, para que os planejamentos sejam revistos, em prol da melhoria do processo de ensino e, como consequência, melhoria da aprendizagem dos alunos. Conforme aponta Sant’anna (2014, p. 24), “o professor avalia a si, o aluno e, ainda, o processo de ensino-aprendizagem [...]. É necessário que o professor volte-se para dentro de si próprio, conhecendo-se, aceitando-se, observando: o ‘eu’ que sou, o ‘eu’ que gostaria de ser, o ‘eu’ que pensam que sou”.

Nesses termos, consideramos que o aluno não pode ser o único avaliado, mas sim todos os segmentos que compõem o ambiente de ensino. A autoavaliação do professor pode evidenciar que o insucesso do aluno é resultante das avaliações e das metodologias mal direcionadas pelo docente. Com essa avaliação constante, o professor poderá modificar alguns métodos que estejam prejudicando o desenvolvimento dos estudantes, isso facilita, inclusive, uma evolução pessoal, visto que o professor olhará para dentro de si mesmo, averiguará a sua performance, enquanto pessoa e enquanto profissional. Assim, Perrenoud (2002) aponta que saber autoavaliar-se parte do processo reflexivo do professor, atribuindo-lhe funções de análise sobre si mesmo.

Ao avaliar-se, o professor torna-se um pesquisador, lança mão de instrumentos de seu uso diário para observar o contexto que o rodeia, de forma mais atenta e crítica. Torna-se, pois, capaz de visualizar a própria realidade e julgar a si mesmo, que é algo difícil de fazer. Como o professor está intimamente ligado aos estudantes, ele carrega a responsabilidade de avaliá-los, cria seus próprios instrumentos de avaliação, quando existe essa flexibilidade. Com isso, “o professor precisa reinventar o seu plano de ação e reconhecer que esse reinventar é necessário” (PERRENOUD, 2002, p. 33). Porém, quando isso não ocorre, ele precisa seguir os preceitos que a escola defende e as concepções que ela carrega.

A escola passa a avaliar o professor, não no sentido de um trabalho mutuo, mas por meio de imposições, observando se o profissional está seguindo as premissas impostas. Quando essa responsabilidade é deixada a cargo dos professores, é inevitável que parte desses grupos vulneráveis sofra impactos, visto que o professor não é o único responsável pela tomada dessas decisões e nem consegue, sozinho, articular possibilidades de inclusão. Segundo Sordi e Ludke (2009, p. 271), “avaliar os

estudantes e o quanto aprenderam é atividade inerente ao trabalho docente constituindo parte da cultura escolar já incorporada pelos alunos e famílias”.

Não é papel do professor, responsabilizar-se pelo fracasso dos estudantes, uma vez que a escola conta com diversos setores que desempenham papéis importantes no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, por ser o profissional que mantém uma relação interpessoal mais próxima com os estudantes, a avaliação e o replanejamento constante podem fazer a diferença.

O que se espera dos professores da escola básica? Que eles assumam de forma competente e responsável a sua tarefa de ensinar, a fim de que a grande maioria de seus alunos desenvolva uma atividade intelectual significativa, apropriando-se de conhecimentos fundamentais para uma inserção comprometida e ativa na sociedade. Essa é, sem dúvida, uma tarefa extremamente difícil, desafiadora, exigente (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 58).

O compromisso do professor direciona-se à tarefa de ensinar os estudantes de forma humanizadora, preparando-os para a vida profissional e para uma atividade intelectual crítica, como cidadão formador de opiniões. Dessa maneira, destacamos que, o papel do professor é fundamental nesse posicionamento do aluno, contudo, é um processo que demanda sabedoria, principalmente, após os fenômenos de democratização e universalização da educação.

Dayrell (2007, p. 1107) destaca que “a democratização do acesso à educação prevista pela legislação contribui para agravar o problema, ao atrair para as escolas jovens com universos simbólicos sem vínculo com o currículo escolar, provocando alterações na condição de aluno”. Desse modo, observamos que, a partir desses fenômenos, o ambiente escolar passou a receber indivíduos pertencentes à segmentos sociais diversos, que apresentam vulnerabilidades. Isso interfere diretamente na posição da escola quanto o processo avaliativo, pois “um educador, que se preocupe para que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente” (LUCKESI, 2005, p. 46).

Ao avaliar, primeiramente, a si mesmo, o professor poderá encontrar a melhor forma de avaliar os seus estudantes, de acordo com cada realidade, prevalecendo o princípio de equidade.

A autoavaliação docente pode colorar para a diminuição das incertezas que rodeiam o dia a dia desses profissionais, em relação ao que se deve fazer para não

excluir os estudantes do direito à aprendizagem. Essa avaliação pode favorecer a criação de outras possibilidades de avaliações, a depender da necessidade dos alunos.

O educador que estiver afeito a dar um novo encaminhamento para a prática da avaliação escolar deverá estar preocupado em redefinir ou em definir propriamente os rumos de sua ação pedagógica, pois ela não é neutra [...]. Ela se insere num contexto maior e está a serviço dele. Então, o primeiro passo que nos parece fundamental para redirecionar os caminhos da prática da avaliação é assumir um posicionamento pedagógico claro e explícito. Claro explícito de tal modo que possa orientar diuturnamente a prática pedagógica, no planejamento, na execução e na avaliação (LUCKESI, 2005, p. 42).

Conforme destacado por Luckesi (2005), a ação pedagógica não é neutra, ela está pautada em um contexto maior que deve ser considerado na prática docente. A avaliação realizada pelo professor deve, sobretudo, atentar para o contexto escolar e para a realidade de cada estudante, isso pode ocorrer por meio da autoanálise dos docentes, uma vez que compreenderão onde se encontra o problema. Desse modo, podemos inferir que entre os processos de ensino e de aprendizagem, existe o processo avaliativo, e que esse, por sua vez, não se dá apenas pela avaliação dos estudantes, mas, acima de tudo, a do próprio professor.

Sordi e Ludke (2009) afirmam que a reflexão dos professores é um dos melhores meios para que certas construções tradicionais sejam revistas e reorganizadas, a fim de atender um público diversificado. As crianças têm o direito à educação, dessa maneira, os profissionais precisam aprender a jogar com as regras e com as peças que eles têm para dar sentido à aprendizagem. Ainda, nessa perspectiva, Garcia (2009) afirma que o professor pesquisador seria aquele professor que busca questões relativas à sua prática com o objetivo de aperfeiçoá-las.

O processo de autoavaliação pode ser tomado como um mecanismo de melhoria para a instituição, para os professores e para os alunos, pois favorece a identificação dos pontos positivos e negativos na relação entre o ensino e aprendizagem, fazendo com que o docente planeje as suas atividades, pensando em métodos que facilitem a resolução de problemas e que ajudem na permanência dos resultados positivos.

2.1 AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM: MEDIR CONHECIMENTOS OU AVALIAR COM AMOR?

A avaliação de aprendizagem trata-se de um instrumento que facilita o conhecimento acerca do perfil do estudante, por meio de um diagnóstico de conhecimentos, a fim de que sigam com orientações e planejamentos metodológicos que visem aprofundar os conhecimentos que os alunos já possuem, e desenvolver outros que eles apresentaram dificuldades.

A avaliação assume papel fundamental no ambiente de ensino, no entanto, a concepção adotada pode promover a frustração dos alunos, pois desenvolvem sentimentos de medo, incapacidade e ansiedade, ao serem submetidos à resolução de tarefas. Como destacado por Luckesi (2005, p. 18), “muitos professores passaram a utilizar as provas como instrumento de ameaça e tortura prévia aos alunos, alegando ser um elemento motivador da aprendizagem”.

Isso ocorre, principalmente, por equívocos nas escolhas das técnicas avaliativas, tendo em vista que cada aluno possui uma realidade psicomotora e social. Dessa maneira, a concepção de educação adotada pela escola e pelo professor pode incluir, como também excluir os alunos do direito à aprendizagem.

Sant’Anna (2014, p. 9), nos mostra que a educação deve partir de uma prática libertadora “em que o aluno é liberto das amarras. Amarras do medo de pensar, do medo de errar, do medo de ser, do medo de viver. É uma prática em que o educando não precisará mais se defender do professor e o professor rotular o aluno”. Nesse sentido, observamos que nem tudo que o aluno produz precisa ser medido, mas tudo poderá ser avaliado de alguma forma.

A criação de rótulos e o medo que se constrói em relação à prática avaliativa não são bons nem para os alunos, nem para o professor, nem para os processos de ensino e de aprendizagem, pois, “(...) enquanto todos os dedos estiverem apontados para o aluno, apenas para condená-lo, classificá-lo, conscientizá-lo de sua derrota, a educação continuará tendo como produto uma sociedade e políticos da categoria que estamos vendo” (SANT’ANNA, 2014, p. 27).

Segundo Sordi e Ludke (2009, p. 12), “avaliar os estudantes e o quanto aprenderam é atividade inerente ao trabalho docente constituindo parte da cultura escolar já incorporada pelos alunos e famílias”. Como apontado pelas autoras, avaliar faz parte do papel docente, entretanto, é preciso pensar que tipo de avaliação está sendo realizada e se ela se é adequada à realidade da comunidade escolar.

Os métodos de avaliação classificatórios e os mecanismos de rotulação existem através de um prejulgamento dos alunos que leva o professor a construir opiniões sobre cada estudante - o aluno bom, o aluno é estudioso, aquele é o mal-educado, o conversador, o faltoso, o irresponsável, além de outros estereótipos. Freitas *et al.* (2009, p. 28) reforçam que “os professores tendem a tratar os alunos conforme os juízos de valor que vão fazendo deles. Aqui começa a ser jogado com o destino dos alunos – para o sucesso ou para o fracasso”.

As classificações não são as únicas e nem as melhores formas de avaliar o quanto um aluno sabe sobre determinado tema, é preciso que haja outras possibilidades, que visem não só a igualdade no processo de ensino e aprendizagem, mas, sobretudo, a equidade, pois cada realidade é divergente. Não é possível igualar todos os indivíduos sem que o resultado final não seja negativo.

Com vistas a uma educação de qualidade que atenda às especificidades e individualidades dos educandos, enquanto seres capazes de construir conhecimento, principalmente a partir de suas experiências já vivenciadas, consideramos necessário que o professor exerça uma postura em sala de aula capaz de auxiliar o aluno em sua aprendizagem e não apenas classificá-lo, quanto ao seu baixo ou alto rendimento perante aos conteúdos ensinados (VIDIGAL; ZAMBON; NASCIMENTO, 2013, p. 121).

Uma possibilidade de enfrentamento dessa situação é presença de profissionais proativos que assumam seu devido papel diante da escola e pensem diretamente na inclusão dos alunos, deixando de avaliá-los apenas com notas. Nesse contexto, antes de avaliar, torna-se indispensável conhecer as condições do ensino, sejam elas internas ou externas à escola.

[...] Ser um profissional comprometido significa agir, concreta e cotidianamente em pequenos espaços como o da sala de aula, pela melhoria do aprendizado dos estudantes. Não se deve ignorar que a sala de aula é um espaço de atuação tão importante quanto outros espaços de luta por melhores condições de vida (FREITAS *et al.*, 2009, p. 16-17).

Os autores destacam que a escola é um lugar de lutas sociais e que isso não deve ser ignorado pelo profissional da educação. Avaliar o aluno de acordo com a sua realidade social, considerando-o diferente, em termos de vivências, é uma forma de agir socialmente pela luta da equidade. Segundo Ronca (1996), o professor não ministra apenas as aulas, por outro lado, ele constrói coletivamente o conhecimento com o aluno.

A escola como ambiente formador deve ser umas das primeiras a se engajar pela busca constante de inclusão social, e o professor, como principal agente educacional, tem o poder de conduzir esse barco.

Reforçamos o papel do professor para o sucesso dos alunos, contudo, destacamos que em muitas escolas o sistema pedagógico é organizado de maneira a considerar apenas as decisões realizadas por diretores e coordenadores, em que se repassa um roteiro de tudo que deve ser realizado pelo profissional docente na formação dos seus alunos, isso tira a autonomia do professor e torna-o refém de regras que, por muitas vezes, não se adéquam a todas as realidades imersas sobre a escola e a sociedade. Diante disso, Vasconcellos (1999, p. 55) aponta que “muitos fatores que interferem no problema da avaliação estão fora do raio de ação imediata do professor, no entanto, a mudança de postura está ao seu alcance”.

A política de imposição de gestores sobre a atuação do professor pode prejudicar os processos avaliativos inclusivos, pois ninguém conhece melhor a realidade da sala de aula do que os docentes que nela atuam. Nesse sentido, defendemos que todos do ambiente escolar devem participar das decisões pedagógicas, no entanto, ao se tratar de avaliação de aprendizagem, professores e alunos devem ter voz participativa.

A prática avaliativa docente precisa estabelecer uma interação dialógica entre professor e aluno, para que ambos compreendam que o importante é o desenvolvimento do sujeito como ser social e transformador da realidade desigual. É nessa perspectiva que se inserem os conceitos de uma avaliação formativa, mediadora e diagnóstica (OLIVEIRA, 2019, p. 85).

O professor e o aluno estão no centro do processo avaliativo, tendo em vista que a avaliação encontra-se entre os processos de ensino e de aprendizagem, que apesar de serem processos diferentes - nem tudo que é ensinado é aprendido, e nem tudo que é aprendido foi porque alguém ensinou – eles estão articulados, por meio de uma interrelação satisfatória, no sentido em que o insucesso da aprendizagem, quase sempre, dar-se-ia pelo insucesso do ensino.

Para se pensar em um processo avaliativo que vise à articulação entre os objetivos do professor e os resultados dos alunos, é recomendável que, desde o primeiro dia, o professor conheça o estudante e tenha espaço para realizar três tipos de avaliação de aprendizagem: a diagnóstica, a formativa e a somativa. Hanssem e Levandovski

(2009) chamam a atenção para o fato de que os tipos de avaliação constam nas propostas curriculares:

As propostas curriculares atuais, bem como a legislação vigente, primam por conceder uma grande importância à avaliação, reiterando que ela deva ser contínua, formativa e diagnóstica, concebendo-a como mais um elemento do processo ensino e aprendizagem, o qual nos permite conhecer o resultado de nossas ações didáticas e, por conseguinte, melhorá-la (HANSEM; LEVANDOVSKI, 2009, p. 7).

Nesse sentido, a avaliação pautada em diagnóstico (início do processo), formação (ao longo do processo) e resultado final (fim do processo) são apresentadas pela legislação vigente como a melhor forma de identificar o conhecimento e a compreensão dos resultados de ensino e aprendizagem, a fim de melhorar aspectos que direcionam para o mau aproveitamento do discente que, em muitos casos, se dá pela aplicação de algum tipo de avaliação não condizente com a realidade.

Avaliar não é uma tarefa fácil! Deve partir de um sentimento de inclusão, assim, tornando o professor um profissional da educação com postura libertadora e humanizadora. No contexto atual, assolados pela pandemia da Covid-19, avaliar se tornou uma tarefa ainda mais difícil, pois devemos considerar que os estudantes e os professores estão vivenciando uma realidade jamais vista: partiu-se do ensino presencial, em que o professor tinha contato direto com os seus alunos, para um ensino remoto, em que são separados por telas.

Nesse ínterim, devemos destacar que muitos alunos não possuem acesso à *internet* de qualidade; nem sempre possuem dispositivos eletrônicos para acompanhar as aulas; sentem falta de um profissional auxiliando mais intimamente em suas tarefas; e muitos são oriundos de famílias com pais analfabetos. Além disso, sofrem com problemas de ordem social, em decorrência do isolamento, sugerido nesse período, e das grandes perdas repercutidas nas mídias, diariamente, incluindo a esses números, familiares de alunos que morreram por causa desse vírus.

Observamos, pois, um cenário conturbado, tornando-se difícil avaliar um estudante, de acordo com tantos problemas que podemos visualizar socialmente. Assim, pretendemos verificar como algumas professoras estão enfrentando esse desafio de avaliar, através de aulas remotas, em período de pandemia. Consideramos que, para que isso seja possível, é preciso distanciar-se cada vez mais da concepção de avaliação

classificatória, e aproximar-se à concepção de avaliação humanizadora, fazendo valer a premissa de Sant’anna (2014), que afirma que “avaliar é um ato de amor”.

2.2 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa tem como metodologia adotada, inicialmente, a exploração de bibliografias como artigos e livros, seguida de um estudo de campo, cujo os dados foram analisados de forma qualitativa. O estudo de campo possibilitou o aprofundamento de uma realidade específica (GIL, 2008).

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, mas compreendidos e refletidos em determinados grupos sociais. Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa qualitativa envolve um conjunto de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, uma vez que se ocupa das ciências sociais.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica que buscou extrair dados da realidade de professores de Língua Portuguesa, em contexto de pandemia da Covid-19, a fim de saber como os professores estavam avaliando os seus alunos, quais foram os tipos de avaliações utilizados e quais os pontos positivos e negativos de avaliar os alunos nas aulas remotas, dentre outras questões.

O *corpus* é composto por um questionário que foi respondido por três professores de Língua Portuguesa que lecionam em escolas dos anos finais do Ensino Fundamental, e no Ensino Médio, na cidade de Bom Conselho - Pernambuco. O instrumento de coleta de dados escolhido foi um questionário elaborado pelas pesquisadoras.

No questionário, foram abordadas cerca de treze questões subjetivas e objetivas para uma melhor interpretação dos resultados obtidos. A professora **A** atua na área há 6 anos, concluiu o curso de graduação em Letras Português, em 2015, leciona em escolas com turmas de Ensino Médio; a professora **B** atua na área há 21 anos, concluiu o curso de graduação em Letras Português, em 2003, e leciona nas séries finais do Ensino Fundamental, e no Ensino Médio; e a professora **C** atua na área há 21 anos, concluiu o curso de graduação em Letras Português, em 1998, e leciona nos anos finais do Ensino Fundamental, e no Ensino Médio. Todas trabalham na rede pública de ensino.

2.3 ANÁLISE DOS DADOS

Diante dos resultados obtidos através do questionário, apresentamos as respostas das três professoras de Língua Portuguesa, atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, da Cidade de Bom Conselho –PE. Assim, destacamos as perguntas e as respectivas respostas, em seguida, realizamos as interpretações dos dados de acordo com as teorias apresentadas no decorrer deste artigo.

- *Primeira pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

1. Você já teve algum problema com alunos ou com a escola em relação a alguma avaliação que aplicou, durante a sua trajetória enquanto docente? Se sim, nos explique o motivo e como foi resolvido.

As **professoras A e C** afirmam que nunca tiveram problemas com alunos e com a gestão em relação a alguma avaliação que aplicaram. A **professora B** diz: “Sim. Uma porcentagem de alunos não atingiu a média estipulada. Sentei com os organizadores da avaliação externa e expliquei meus pontos de fraqueza e falta de comprometimento dos alunos para a avaliação, bem como a ausência da presença pedagógica da instituição antes da aplicação”. Desse modo, as respostas nos mostram que apenas uma das colaborados apresentou dificuldades na hora de avaliar e precisou observar e compartilhar as suas fraquezas, em busca de uma melhoria.

- *Segunda pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

2. No período de aulas remotas, você, enquanto docente, teve a autonomia, juntamente com os seus alunos, de escolher a melhor forma para avaliá-los?

As **professoras A e B** afirmam que sim, portanto, podemos depreender que, no caso dessas colaboradoras, existe uma autonomia em relação ao processo avaliativo, com poucas ou nenhuma interferência da gestão da escola. Entretanto, a **professora C** diz que não teve essa autonomia. Acreditamos que essa profissional precisou seguir um plano preestabelecido pela instituição de ensino em que, na maioria das vezes, não se considera a realidade do professor e do aluno.

- *Terceira pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

3. Você teve dificuldade em avaliar os seus alunos durante esse período de pandemia?

A **professora A** afirma que não teve nenhuma dificuldade em avaliar os seus alunos durante o período de pandemia. Ao contrário da resposta anterior, a **professora B** afirma que teve dificuldade em avaliar, apontando as seguintes justificativas: “carência de material midiático; acessibilidade às redes com fragilidades; excesso de trabalho e desgaste emocional, como consequência”. A **professora C** aponta o seguinte: “a descontinuidade, por parte dos estudantes, no acompanhamento das aulas on-line e no envio das atividades respondidas”.

Dessa forma, a resposta da **professora C** pode estar relacionada à anterior em que ela não teve autonomia, juntamente com seus alunos, de escolher as melhores formas de avaliar, tendo em vista a realidade vivenciada. A mesma profissional acaba direcionando o problema aos seus alunos, não havendo uma reflexão sobre os instrumentos de avaliação. Podemos notar, portanto, a falta de comunicação entre professor e aluno, para que consigam a obtenção de um resultado satisfatório para ambos.

- *Quarta pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

4. Você utiliza apenas uma forma de avaliação durante o bimestre? Você modificou os seus instrumentos avaliativos ou permaneceu utilizando os mesmos das aulas presenciais?

As **professoras A, B e C** disseram que não, para a primeira pergunta, isso demonstra que houve uma orientação de como avaliar durante esse período tão delicado, em que muitos alunos não têm acesso à *internet*, a um computador e nem à ajuda dos pais. Muitos ficaram totalmente obrigados a ter *internet* de qualidade, ou pelo menos, um celular para realizar as tarefas didáticas.

Os obstáculos encontrados, ao longo desse período, criam um espaço de questionamento em que é possível, progressivamente, rever a metodologia de ensino e de avaliação, sendo um profissional justo, coerente e autônomo. Nessa perspectiva, partimos para a resposta da segunda pergunta desse enunciado, na qual todas as professoras afirmaram ter modificado os seus instrumentos avaliativos, visto que os

alunos têm realidades sociais distintas, e demonstrando sabedoria em relação às dissonâncias entre a modalidade presencial e a modalidade remota de ensino.

- *Quinta pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

5. Cite alguns instrumentos de avaliação utilizados por você no período de aulas remotas.

A **professora A** disse que utiliza pesquisas, seminários gravados, interação em ambientes remotos, atividades e teste em plataforma remota. A **professora B** faz uso de autoavaliação, avaliação diagnóstica (através de testes), seminários, pesquisas e outros instrumentos. E, por último, a **professora C** diz que avalia através da participação oral durante as aulas on-line e envio de atividades respondidas, abordando a discussão numa perspectiva mais dinâmica para o momento atual. Notamos que as **professoras A e B** utilizam mais instrumentos de avaliação do que a **professora C**.

A variação de instrumentos avaliativos possibilita uma aprovação mais completa dos alunos, pois esse aluno é avaliado de várias formas, não privilegiando apenas um único instrumento, tendo em vista, que alguns alunos têm mais facilidade na escrita e outros na oralidade, por exemplo.

- *Sexta pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

6. Quando você avalia os seus alunos:

- a) No início e no fim do semestre;
- b) No fim do semestre;
- c) Ao longo de todo o semestre;

Todas as professoras responderam que avaliam os seus alunos ao longo de todo o semestre. Neste contexto tão conturbado em que estamos vivendo, podemos destacar que, avaliar o aluno ao longo de todo o semestre seria uma das melhores formas de obtenção de retorno do conhecimento e da compreensão dos resultados dos alunos, a fim de melhorar o direcionamento e acompanhamento ao longo de todo o período formativo.

- *Sétima pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

7. Quais os critérios que você utiliza para determinar se o seu aluno atingiu o resultado esperado?

A **professora A** respondeu: “O estudante precisa mostrar que aprendeu os conteúdos abordados em teste, atividades ou provas demonstrando que sabe aplicar o que foi estudado. Sendo mais pontual: o aluno precisa atingir a pontuação adequada em avaliações no decorrer do processo de ensino e aprendizagem”. A **professora B** destacou que é preciso ter participação efetiva, comprometimento com as atividades solicitadas, autoavaliação, construção de pensamento contextualizado e coerente com os conteúdos trabalhados e aplicação de provas. Já a **professora C** considerou “o desenvolvimento das habilidades e a construção das competências por mim elencadas de acordo com os conteúdos”.

Percebemos que as **professoras A e B** avaliam o aluno de maneira integral, levando em consideração não apenas um critério de aprendizagem, mas sim, vários, como destacado por elas. Entretanto, a **professora C** não conseguiu interpretar bem o enunciado da questão, faltando destacar os critérios mais utilizados por ela durante esse período, ela cita habilidades e competências que são elencadas por ela, mas não desenvolve a resposta, para que possamos ter conhecimento sobre o que preconizam estas habilidades e competências.

- *Oitava pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

8. Houve algum problema em relação à avaliação de algum estudante, neste período? Se sim, o que foi feito para contornar a situação?

A **professora A** disse: “Veja: nós, que trabalhamos em escola pública da rede estadual de Pernambuco, não fizemos avaliações nesse período de pandemia, trabalhamos com conteúdo e atividades, sem necessariamente atribuir nota, foi orientação estadual (bem como o decreto que proíbe a reprovação do estudante). Sobre esse período em aulas remotas: a escola deu suporte aos alunos que não tinham acesso à internet (xerocando as atividades e conteúdo de cada disciplina e entregando aos alunos). Os alunos que tinham acesso interagiam via plataforma com cada professor. Não houve um contorno de situação, ocorreram adaptações constantes com o objetivo

de alcançar o número de alunos possível, quando retornamos em outubro de 2020 foi feito nivelamento presencial (e sabendo ainda que o aluno teve e tem a opção de não comparecer às aulas presenciais), e a continuidade do trabalho que vinha sendo realizada no remoto, o aluno não foi e nem podia ser prejudicado por não ter participação. 2021 retornando com ensino híbrido e com as mesmas orientações de não reprovação, nós não temos datas para avaliações (todo o trabalho em sala de aula segue normal, exceto avaliações (atribuição de nota). O Estado está realizando uma avaliação diagnóstica geral esse mês com os alunos, para assim continuarmos com o trabalho”.

A **professora B** respondeu apenas “não”, e a **professora C** discorreu: “Sim. Alguns estudantes não estavam participando das aulas remotas. Entramos em contato, através de ligações, mensagens de WhatsApp, recado pelos colegas de turma e até visitas a residências”.

Nessa pergunta, obtivemos respostas bem diversificadas. A **professora A** apresenta a realidade vivenciada por ela, durante esse período de pandemia, em que os professores não podem reprovar os alunos. Os problemas relacionados à avaliação são bem apresentados, explicando detalhadamente como os alunos que não têm acesso à *internet* estavam sendo avaliados.

A **professora B**, por sua vez, afirmou que não teve nenhum problema em avaliar os alunos, o que não sabemos se de fato aconteceu, tendo em vista as inúmeras dificuldades apresentadas nesse período. A **professora C** não compreende, mais uma vez, o enunciado da questão e fala sobre a participação dos alunos nas aulas.

- *Nona pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

9. Você precisou utilizar instrumentos diferenciados com alguns estudantes que tiveram dificuldades especiais? Se sim, quais foram? Você tem alunos com dificuldades especiais? Se sim, como eles são avaliados?

As **professoras A** e **B** responderam “não”, para as duas perguntas. Já a **professora C** disse “sim”, nas duas perguntas, justificando como eles são avaliados: “Fazemos uma adequação curricular durante todo o período letivo e os avaliamos de acordo com o que foi trabalhado nessa adequação”. Sentimos uma ausência na explicação de como essa avaliação ocorre: Por meio de quê? São orientados por um professor da área de educação inclusiva? Quais critérios são utilizados nesta avaliação?

- *Décima pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

10. Quais os pontos positivos e negativos de avaliar durante as aulas remotas?

A **professora A** afirma que “atingir todos os alunos de forma linear é um ponto negativo, bem como a limitação dos mesmos em relação à participação. Positivo é o que foi dito no negativo de forma reversa: ter o retorno do aluno de forma linear (mesmo que não de todos) e a participação contínua. Sendo pontual e sincera: é difícil trabalhar na rede pública estadual, carente em aspectos que são minimizados quando o professor tem contato com o aluno em sala de aula”.

A **professora B** disse que os pontos positivos são “a interação e o esforço para conseguir acompanhar um novo sistema de aulas”. E os pontos negativos são “a inacessibilidade e a fragilidade dos materiais dispensados para uma aprendizagem efetiva”. Já a **professora C** apresenta como positivo os “instrumentos mais práticos no que concerne à geração de resultados, como o *google forms*”. E como negativos que “nem todos têm acesso à tecnologia, não podemos precisar o grau de fidelidade no resultado, pois pode haver interferência de terceiros na elaboração das respostas”.

As respostas das três professoras apresentam tanto o lado positivo, quanto o negativo de avaliar nesse período de pandemia. Assim, as **professoras A e B** sentem falta de uma maior interação, por parte dos alunos, para saber se todos os estudantes estão aprendendo de maneira linear, e que mesmo separados por uma tela de computador ou celular, os alunos participam das aulas. Os pontos negativos seriam a inacessibilidade às aulas por falta de acesso à *internet*, e a não garantia de que foram eles que realmente fizeram as atividades, supondo que terceiros possam estar fazendo por eles.

- *Décima primeira pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

11. Quais são os tipos de avaliação que você realiza?

A **professora A** responde: “testes, avaliação diagnóstica, pesquisa escolar e seminário. A **professora B** destacou: “avaliação diagnóstica, avaliação comparativa, avaliação formativa, avaliação somativa”. E a **professora C** responde: “produções

textuais dos gêneros trabalhados, reescrita de textos a partir de critérios elencados, análise de textos com as habilidades de leitura trabalhadas”.

Percebemos que existe uma confusão da **professora A** e **C**, entre instrumentos de avaliação e tipos de avaliação, falta, pois, um melhor esclarecimento sobre esses conceitos.

- *Décima segunda pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

12. Você já precisou participar de algum congresso, seminário ou mesa redonda sobre avaliação?

Todas as professoras responderam “sim”. Porém, constatamos que muitos termos são confundidos por elas ao longo das respostas, evidenciando a necessidade de uma formação continuada e da discussão e readaptação de métodos de ensino e de avaliação.

- *Décima terceira pergunta que compõe o formulário de levantamento de dados:*

13. Para finalizar, dê sua opinião sobre avaliar.

A **professora A** disse: “A avaliação é fundamental para/no processo de ensino aprendizagem, mas não deve ser vista como um fim, nem como punição. A avaliação é um meio, ponto de partida do professor para assim poder adaptar, seguir, melhor rever sua prática, sua didática em sala de aula e atingir seu objetivo principal: a aprendizagem do aluno”.

A **professora B** afirma que avaliar é um “ato extremamente difícil e perigoso, que se colocado nas mãos erradas torna-se uma arma letal com consequências irreversíveis. Para avaliar tem que se ter a firmeza necessária para promover o crescimento, bem como a sensibilidade clara de trazer a empatia diante das fragilidades e carências que não estão expressas no papel, mas no humano de cada um”.

E por último, temos a resposta da **professora C** que destaca que “avaliar é investigar até que ponto houve apreensão dos conhecimentos trabalhados para então replanejar intervenções que garantam as aprendizagens de todos e de cada um”.

Vejamos como as concepções são diferentes sobre avaliar. A **professora A** apresenta uma visão humanista ao dizer que a avaliação não deve ser vista como punição. Quando sabemos que muitos professores acabam levando desavenças e conflitos para o lado pessoal e prejudicam os alunos, deixando de agir como um profissional. Ela apresenta a aprendizagem do aluno como o principal objetivo, significa dizer que a nota não define o aluno, mas sim o seu conhecimento final, ao longo do bimestre.

A **professora B** mostra que deve haver um lado mais humano em cada um de nós, nos leva a refletir sobre o poder que o professor tem de mudar a vida de um aluno através de uma avaliação. E a **professora C** diz que avaliar é investigar com o propósito de rever intervenções que possam garantir um melhor aprendizado.

Nesse contexto, observamos que a para avaliar é preciso conhecer as implicações desse ato para a escola, para o professor e para o aluno, entender como cada um desses agentes colabora para o ensino e aprendizagem, avaliando, sendo avaliado e se autoavaliando, considerando, pois, a avaliação como um processo e não como um produto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, retomamos à frase dita na introdução deste trabalho: Avaliar não é uma tarefa fácil! Como percebemos ao longo do texto e de acordo com as respostas das professoras, é um trabalho árduo que, muitas vezes, pode comprometer a vida escolar de um aluno, se for realizada de forma equivocada. Notamos que diante do contexto da pandemia do Covid-19, milhares de professores tiveram que se reinventar para conseguir fazer com que os alunos não só aprendessem, mas dessem um retorno das atividades, dentro de um determinado período de tempo.

Diante do exposto, observamos que a ausência da autoavaliação do professor pode colaborar para o surgimento de resultados negativos que, diversas vezes, são atribuídos aos alunos, tomando-os como os únicos responsáveis pelo fracasso escolar. Portanto, em algumas das respostas das professoras, notamos a ausência da reflexão sobre as necessidades dos alunos e sobre os motivos pelos quais a aprendizagem não está sendo atingida.

Em um contexto em que a aprendizagem se tornou refém do acesso à *internet*, não garantindo um ensino totalmente igualitário, a sensibilidade tornou-se um elemento essencial para a avaliação, sendo preciso levar em consideração todos os aspectos que interferem na educação dos alunos, sejam eles internos ou externos à escola.

Avaliar nunca foi tão difícil, pois, o professor não tem certeza se realmente é aquele aluno que está respondendo as atividades solicitadas, ou se existe a participação de terceiros. Essa é uma realidade destacada por uma das professoras, em que diz que não pode reprovar os alunos por ausência de nota. Nesse sentido, o aluno se tornou responsável por suas próprias atitudes, quando passa a ser autônomo em seus estudos.

Diversas formas de avaliação estão sendo postas em prática e todas as professoras destacaram que precisaram modificar os instrumentos avaliativos. É perceptível que não só elas, mas muitos professores confundem instrumentos de avaliação com tipos de avaliação, mesmo as docentes tendo destacado que já participaram de mesas-redondas e congressos sobre avaliação, ainda persistem nesse erro. A parte boa é que elas avaliam seus alunos durante todo o bimestre, garantindo um olhar crítico e apurado, para identificar se de fato o aluno conseguiu aprender o conteúdo proposto.

Ademais, podemos classificar as formas de avaliação não igualitárias para todos os alunos, na maioria das respostas das professoras, notamos que a participação durante as aulas, apresentação de seminários e entrega das atividades foram os instrumentos mais utilizados por elas, durante o período de aulas remotas.

A partir da análise dos dados, constatamos que as três professoras que participaram da pesquisa mostraram-se preocupadas em como avaliar os seus alunos de modo que não os prejudicassem. Observamos, pois, que mesmo diante de todos os desafios enfrentados pelas professoras, elas mostraram-se satisfeitas em relação à sua forma de atuação e ao aproveitamento estudantil, conscientes de que a avaliação se dá através de um processo contínuo, não apenas como forma de medir conhecimento.

School evaluation in times of pandemic: possibilities and inconsistencies

ABSTRACT

The present work aims to verify how Portuguese language teachers performed the evaluation process of their students, in the context of remote classes, caused by the Covid-19 pandemic. The research is qualitative in nature, whose main instrument of data collection was the questionnaire elaborated by the researchers. The corpus of the research is composed of the answer of a questionnaire composed of thirteen questions that are divided into objective and subjective, directed to three teachers, portuguese-speaking, who work in the public elementary school system, in the city of Bom Conselho - Pernambuco. The theoretical contributions used were Bortoni-Ricardo (2008), Sant'anna (2014), Sordi and Ludke (2009), Luckesi (2005), among others. A partir da análise dos dados, observamos que as três professoras que participaram da pesquisa mostraram-se preocupadas em como avaliar os seus alunos de modo que não os prejudicassem. Observamos, pois, que mesmo diante de todos os desafios enfrentados pelas professoras e pelos alunos, as docentes mostraram-se satisfeitas em relação à forma de atuação e ao aproveitamento estudantil, conscientes de que a avaliação se dá através de um processo contínuo, não apenas como forma de medir o conhecimento de outrem.

KEYWORDS: Learning. Teaching practice. Remote classes.

REFERÊNCIAS:

BORTONI-RICADO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução á pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

DAYRELL, J. **A Escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol 28, n. 100 – Especial, p. 1105- 1128, out. 2007.

FREITAS *et al.* **Avaliação educacional: caminhando pela contramão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GARCIA, Vera C. G. Fundamentação teórica para as perguntas primárias: O que é Matemática? Porque Ensinar? Como se ensina e como se aprende? In: **Revista Educação**. Vol. 32. n. 2. Porto Alegre, 2009.

GIL, C. A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HANSEN, Elsa do Carmo; LEVANDOVISKI, Ana Rita. **Avaliação da aprendizagem no contexto escolar: uma experiência na educação básica**. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1771-8.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação de aprendizagem: estudos e proposições**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCONI; A. M.; LAKATOS, M. E. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA, R. M. **Relatório de Pesquisa**. Campinas: Faculdade de Educação, 2005;2019.

PERRENOUD, Phillipe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RONCA, Paulo Caruso. **A prova operatória**. Ed. Finep, São Paulo, 1996.

SANT’ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?:critérios e instrumentos**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SORDI, Mara Regina Lemes de; LUDKE, Menga. Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, p. 267-290, jul. 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino-aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**-elementos metodológicos para elaboração e realização. 5 ed. São Paulo: Libertad, 1999. (Cadernos Pedagógicos do Libertad. v. 1).

VIDIGAL, Leticia; ZAMBON, Amanda; NASCIMENTO, Mari Clair Moro. Concepções avaliativa: reflexões na prática docente. In: **II Jornada de Didática e I Seminário de Pesquisa do SEMAD**. Londrina, 2013.